

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ARA VOTIVA DA LOUSÃ.

FERREIRA, O. da Veiga

Ano: 1952 | Número: 62

Como citar este documento:

FERREIRA, O. da Veiga, Ara votiva da Lousã. *Revista de Guimarães*, 62 (1-2) Jan.-Jun. 1952, 192-195.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Ara votiva da Lousã

POR

OCTÁVIO DA VEIGA FERREIRA

As minas de ouro da Serra da Lousã, conhecidas também pelas minas da Escádia Grande, foram objecto de intensa lavra por parte dos Romanos. De todos os povos que em diversos tempos dominaram a Península Ibérica, foram, sem sombra de dúvida, os Romanos os que mais intensamente exploraram o subsolo peninsular. Encontram-se esses vestígios em antigas minas de cobre, chumbo ⁽¹⁾, zinco ⁽²⁾ e principalmente de ouro. No nosso território, foi especialmente o ouro o metal que mais preocupou aquele povo.

As regiões auríferas foram cuidadosamente pesquisadas e, sempre que verificavam a importância do jazigo, exploravam-no quase por completo, principalmente o chapéu de ferro.

As jazidas da Serra de Valongo ⁽³⁾, as vastas e profundas escavações e escombrelas do Minho, Vila Pouca de Aguiar, Castelo Branco (Rosmanihal) ⁽⁴⁾, os filões de Jales ⁽⁵⁾, etc., demonstram

(1) Luís de Albuquerque e Castro, «Um achado romano-Lucernas», *Estudos, notas e trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*, Porto, Vol. II, Fasc. II, 1946.

(2) Jesus Carballo, *Minas romanas de Calamina*, Santander, 1949.

(3) Carlos Teixeira, «Notas arqueológicas sobre as minas de ouro das Banjas (na Serra de Valongo)», Porto, 1940.

(4) S. Schwarz, «Arqueologia Mineira», Sep. do *Boletim de Minas*, Lisboa, 1933.

(5) A. Mello Nogueira, «Uma exploração de minas de ouro da época romana», Sep. da *Revista de Arqueologia*, Lisboa, T. III, Fasc. VII, 1938.

que já nesse tempo existia uma técnica avançada, a par de conhecimentos profundos no campo mineiro.

Os primeiros achados arqueológicos nas minas da Lousã, entre os quais algumas lucernas da época cristã, já foram objecto de uma nota (1).

Após alguns anos de interrupção nos trabalhos destas minas, foram eles recomçados há pouco, sob a direcção do Sr. Eng.º Quintino Rogado. No decorrer de novos desmontes, abertura e desentulhamento de materiais procedentes de trabalhos romanos, foram postas a descoberto mais algumas peças de valor arqueológico: dois picões de ferro, uma grande ara (?) cuja inscrição havia desaparecido e, finalmente, a pequena e elegante ara votiva, objecto da presente nota (2).

Por incumbência do Sr. Eng.º D. Antonio de Castello Branco, Chefe dos Serviços Geológicos de Portugal, fomos encarregados de estudar a referida peça, que se encontra no Museu dos mesmos Serviços.

É constituída, a pequena ara, por um grés amarelo-acastanhado, de grão fino, talvez proveniente do lias inferior dos arredores de Coimbra. A lápide apresenta-se fracturada junto à base, um pouco



Ara votiva da Lousã

(1/4 do tam. nat.)

(1) Carlos Teixeira, «Minas romanas na Serra da Lousã», *Trabalhos da Soc. Portuguesa de Antrop. e Etnol.*, Porto, vol. X, p. 243, 1945-46.

(2) Agradecemos ao Sr. Eng.º Quintino Rogado ter-nos enviado tudo quanto encontrou, bem como facilitado por todos os meios o estudo da ara.

abaixo das últimas letras, estando também partida na parte superior, do lado direito. Mede, de altura—0,^m24; de espessura, na parte superior—0,^m105; e de largura, na parte superior—0,^m135, e na inferior—0,^m11.

As letras da inscrição, que se lê perfeitamente, medem de altura 2^{cm}, estão bem gravadas e são de boa época. A inscrição contém o seguinte:

ILVRBE
DAE·G·V·
PATERNVS
A·L·P·

Interpretação:

ILVRBE|DAE G (*aius*), ou Gallus, V (*ibius*)|PATERNVS
A (*nimo*) L (*ibens*) P (*osuit*)

Tradução:

Gaio (ou Galo) Víbio Paterno erigiu (*este monumento*)
de boa vontade a ILURBEDA

O principal interesse desta inscrição reside no nome de uma nova divindade—*ILURBEDA*.

Consultadas várias obras de epigrafia e diversos especialistas sobre o assunto, verificámos não haver nome igual, o que nos conduz a considerá-lo como pertencendo a uma divindade até ao presente desconhecida. Da carta que, a nosso pedido, muito amavelmente nos escreveu o Sr. Coronel Mário Cardozo transcrevemos a passagem que se refere a este assunto: «Que *ILURBEDA* é um nome de ressonância tipicamente ibérica parece não haver dúvida. As raízes *i-*, *ili-*, *ilur-*, são frequentes no onomástico ibérico (Vide Schulten, *Tartessos*, 2.^a ed., 142 e 208). Há numerosos exemplos de nomes étnicos e geográficos ibéricos com essas raízes: *Ilerda* (=Lérida) e os *Ilergetes*; os *Ileates*, do Betis (=Guadalquivir), vizinhos dos *Cempsos*; *Ilucia*, a noroeste de Cástulo; *Ilici* (=Elche); *Iliturgis*, perto de Córdoba?;

Iliberris; etc. Com a raiz *ilur-*, é citado nos «*Monumenta Linguae Ibericae*», de Hübner, o nome da divindade (?) ibérica *Ilurberrixo*, bem como os nomes geográficos *Iluro* e *Ilurco*. Schulten cita a tribo dos *Ilurgavones*.»

Após estas indicações do Sr. Coronel Mário Cardozo, não nos ficou dúvida, também, quanto à origem ibérica da palavra *Ilurbeda*, que representa, por certo, o nome de mais uma divindade do panteão indígena, cujo culto foi romanizado, como tantos outros da Península Ibérica.

Terá aparecido na Península alguma outra epigrafe dedicada a esta mesma divindade? Não sabemos, e, com os meios de que dispomos, não o podemos saber; no entanto, apresentamos esta pequena nota, esperando que alguma informação posterior venha trazer mais luz sobre tão interessante documento epigráfico.

Agradecemos a todas as pessoas a quem consultámos sobre o assunto e, em especial, ao nosso querido amigo e ilustre investigador Sr. Coronel Mário Cardozo, pelas preciosas notas que nos forneceu e que acima transcrevemos.